



O declínio da criminalidade e a transformação da vida urbana nas cidades norte-americanas

Herbert Rodrigues¹

Resenha do livro: SHARKEY, Patrick. *Uneasy Peace: The Great Crime Decline, the Renewal of City Life, and the Next War on Violence*. New York, W. W. Norton, 2018.

No ano de 1990, ocorreram, somente na cidade de Nova York, 2.245 homicídios, cerca de 3 mil casos de estupro e o registro de mais de 500 mil outros crimes, como roubos, assaltos e furtos. Em 2018, ocorreram apenas 289 assassinatos e houve uma redução drástica dos demais crimes. Em um período de 28 anos, a metrópole que aumentou sua população em torno de um milhão de habitantes testemunhou o declínio de quase 90% dos casos de homicídios. A taxa média anual de 30,66 assassinatos por 100.000 habitantes caiu para 3,31, a menor já registrada na história.

O auge da queda acentuada da criminalidade deu-se em 26 de novembro de 2012, quando não houve registro de crimes violentos ou quaisquer ocorrências de tiroteio na cidade de Nova York, durante 24 horas, pela primeira vez na história da cidade (BBC News, 2012). Números parecidos são encontrados em outras cidades norte-americanas, como Atlanta, Dallas, Los Angeles e Washington, onde ocorreram quedas significativas de 60% a 80% dos homicídios. Mesmo em cidades que ainda mantêm taxas consideradas altas de criminalidade, como Oakland e Philadelphia, a queda chegou a 33%. Esse período pacífico de quase três décadas é chamado, nos Estados Unidos, de “o grande declínio do crime”.

O livro *Uneasy peace: the great crime decline, the renewal of city life, and the next war on violence* (2018) [“Paz inquieta: o grande declínio do crime, a renovação da vida na cidade e a próxima guerra contra a violência”, em tradução literal] apresenta uma explicação detalhada do grande declínio do crime nas cidades norte-americanas. O sociólogo Patrick Sharkey expõe perspectivas e dados oriundos de diversas disciplinas, incluindo Neurociência, Sociologia, Criminologia, Demografia, Urbanismo, Administração Pública e Economia, para demonstrar que as explicações das causas da violência urbana não podem – e não devem – ser separadas das explicações dos fenômenos sociais, como educação, moradia e emprego.

O principal argumento de Sharkey centra-se nos esforços de organizações públicas, privadas e de entidades sem fins lucrativos, que resultaram na queda significativa da violência, beneficiando diretamente as populações mais desfavorecidas. O livro oferece sugestões de políticas públicas concretas e viáveis, destinadas a promover a manutenção da paz e reduzir as desigualdades sociais e econômicas. O autor argumenta que o enfrentamento da violência e das desigualdades exige, entre outras coisas, uma mudança da atual perspectiva voltada para a punição e o abandono para uma abordagem focada na justiça e nos investimentos sociais.

Patrick Sharkey organizou o livro em dez capítulos divididos em três partes. O trabalho possui ainda um breve prefácio em que o autor expõe os contrastes entre uma época marcada pela violência urbana e o momento atual de relativa paz. Os três primeiros capítulos que formam a parte I discorrem sobre “a nova cidade americana”; a parte II contém três capítulos que tratam dos “benefícios do declínio do crime”; e a parte III, com quatro capítulos, avalia “os desafios da violência e da desigualdade urbana”.

¹ Missouri State University, EUA, e Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP) – São Paulo – Brasil
- hrodrigues@missouristate.edu - <https://orcid.org/0000-0002-4987-1486>

O capítulo 1 apresenta, de maneira resumida, a história do “fim da era da violência”. O histórico de violência urbana nos EUA começou por volta de 1960 e não parou de crescer até atingir o ápice no início dos anos 1990. Para se ter uma ideia, a taxa de homicídios de jovens aumentou 83% em menos de dez anos, de 8,7 por 100.000 habitantes para 15,9 entre 1985 e 1993. Esse desequilíbrio causou uma distorção na percepção da população norte-americana, majoritariamente branca, sobre a gravidade do problema, uma vez que os crimes letais se concentravam em grupo demográfico específico: jovens negros e pobres. O autor afirma que a queda dos homicídios nas últimas décadas, por um lado, beneficiou a população mais vulnerável e, por outro, contribuiu para o aumento da sensação de segurança. Em 1990, 30% dos norte-americanos achavam que o maior problema do país era a violência; no final dos anos 2000, apenas 5% tinham a mesma opinião.

O capítulo 2 discute a transformação da vida nas cidades e a reconquista do espaço público pelos moradores. Segundo o autor, o próprio conceito de cidade estava ligado, de maneira simbiótica, à ideia de violência até meados dos anos 1990. Nesse capítulo, Sharkey revisita os principais estudos urbanos, incluindo os trabalhos de importantes etnógrafos como Elijah Anderson (1999), Loïc Wacquant (2008), Victor Rios (2011), dentre outros, para dizer que não é possível haver paz e segurança em bairros com espaços segregados e deteriorados, com concentração de pobreza, de prostituição, de venda e uso de drogas, além da falência do policiamento e dos serviços sociais. A retomada do espaço público, seja por meio de associações comunitárias, seja por meio de remodelação e transformação do espaço (gentrificação), representou elemento fundamental para que as cidades deixassem de ser vistas como lugares perigosos.

O capítulo 3 apresenta uma continuação da discussão anterior. Aqui, Sharkey segue descrevendo as transformações do espaço urbano e adiciona a questão da proliferação das tecnologias de vigilância. O espaço público passou a ser vigiado por câmeras de segurança, ocupado por policiais e por guardas privados. O autor chega a conclusões simples a partir de estudos: mais policiais nas ruas, menos incidência de crimes. No entanto, o autor lembra que essa tática contribuiu para o aumento do encarceramento em massa e da violência policial, muitas vezes endossados pela maioria da população. Outro fator importante de transformação do espaço público foi a proliferação sem precedentes de organizações não governamentais de luta pela não violência. Nos bairros onde organizações foram criadas houve um fortalecimento dos laços comunitários e a queda substancial do número de homicídios.

A segunda parte do livro trata dos benefícios gerados pela queda da criminalidade. O capítulo 4 inicia-se com a apresentação de números impressionantes. Em 2009, houve 459 assassinatos em Chicago: a cada quatro vítimas três eram jovens negros. Para o autor, o extermínio de jovens pode ser comparado a uma doença. Mas, diferentemente de outros problemas de saúde pública, o homicídio não afeta apenas a vítima e o perpetrador, mas toda a comunidade. Sharkey acredita que, ao contrário de doenças com grandes gastos de recursos públicos, a violência é uma causa de morte que passa despercebida por afetar desproporcionalmente a população mais jovem, particularmente homens negros entre 15 e 30 anos de idade. Por essa razão, o capítulo 4 aborda a importância da preservação da vida de jovens negros.

O autor apresenta outros números para ilustrar a urgência desse problema: a cada 100.000 mulheres brancas, 77 anos de vida foram perdidos devido aos homicídios em 2014; a cada 100.000 homens brancos, 177 anos de vida foram perdidos no mesmo ano; a cada 100.000 mulheres negras, 218 anos de vida foram perdidos; e a cada 100.000 homens negros, 1.239 anos de vida foram perdidos devido aos homicídios, somente no ano de 2014. Com auxílio de projeções, o autor afirma: se a taxa de homicídios tivesse mantido o nível de crescimento do começo dos anos 1990, o número de anos de vida perdidos de homens negros seria quase o dobro, chegando na casa dos 2.396. Com isso, o autor busca refletir que, apesar da persistente disparidade de mortes entre negros e brancos, o declínio dos homicídios foi responsável pela preservação de milhares de vidas de jovens negros.

O capítulo 5 talvez seja a contribuição mais original do livro. Aqui, o autor apresenta a relação entre o medo da violência e o processo de aprendizado das crianças. Mesmo não sofrendo violência direta, o medo da violência compromete a vida da comunidade como um todo. Isso ocorre porque a violência afeta não apenas aqueles que sofrem danos físicos diretos, mas principalmente as crianças

que vivem com medo sempre que veem ou ouvem relatos de violência no bairro. Utilizando estudos da Neurociência, o autor afirma que o medo da violência opera como o mecanismo mais prejudicial no desempenho escolar. Viver com medo causa tensão e ansiedade, tornando ainda mais difícil a capacidade de concentração nas tarefas escolares e o controle dos impulsos. Nas palavras do autor, “era como se as crianças que foram testadas, logo após um homicídio local, tivessem perdido dois anos de escolaridade e voltassem ao nível de desempenho cognitivo dos anos anteriores” (Sharkey, 2018: 86 – tradução nossa). Esse impacto é ainda maior nas crianças negras e pobres por estarem mais expostas à violência em bairros desfavorecidos.

A questão do medo da violência também consiste em objeto de estudos realizados com crianças e adolescentes brasileiros. Trabalhos recentes demonstraram os efeitos do medo da violência no processo de socialização e de aprendizado das regras. Adolescentes que vivenciaram ou ouviram falar de violência no bairro e na escola desenvolveram visões negativas sobre figuras de autoridade, como pais e professores, e comportamentos de quebra de regras (Medina e Rodrigues, 2019; Gomes, Piccirillo e Oliveira, 2019).

O capítulo 6 discute o problema das desigualdades. O autor constata que a redução da criminalidade não diminuiu a taxa de pobreza nas cidades e ainda abriu espaço para o fenômeno da gentrificação. As áreas urbanas anteriormente deterioradas e dominadas pela violência passaram a receber novos moradores com maior poder aquisitivo. Isso causou uma transformação na dinâmica do espaço com a consequente expulsão dos moradores de baixa renda. Simultaneamente, as cidades norte-americanas tornaram-se mais seguras e mais desiguais no período de grande declínio do crime. De todo modo, o autor observa uma mudança positiva na experiência diária com a desigualdade. Nos anos 1990, ser pobre significava correr maior risco de vitimização. Agora, apesar da persistente desigualdade, com comunidades e escolas mais seguras, as crianças de famílias pobres podem se concentrar melhor nos estudos e, eventualmente, romper com o ciclo de pobreza ao acessar educação de melhor qualidade e oportunidades de emprego.

A parte final do livro consiste em quatro capítulos que abrangem os desafios da violência e da desigualdade urbana. O capítulo 7 descreve o processo de abandono das comunidades, o problema da justiça punitivista e os novos comprometimentos pela luta contra violência. Trata-se do capítulo mais extenso do livro, em que são apresentadas as ações executadas pelo poder público nas últimas décadas, seus sucessos e fracassos. Além disso, o autor apresenta dois conjuntos de narrativas que emergiram durante os anos 1960, e que ainda persistem no presente, como explicações da crise da violência nas cidades. O primeiro conjunto compreende a violência como produto da injustiça e da desigualdade. A solução, nesse caso, seria uma agenda de longo prazo de investimentos em programas sociais. O segundo conjunto explica a crise urbana como resultado da falta de leis e da desordem. Essas são as raízes daquilo que o autor identifica como abandono e punição. No fundo, a principal resposta do sistema de justiça para a violência e a pobreza se resume no aumento das punições e no abandono das comunidades desfavorecidas pela falta de investimento na infraestrutura urbana. Para reverter esse quadro, seria necessário levar adiante novas políticas, voltadas para a redução das desigualdades.

O capítulo 8 tem como foco principal a polícia. O autor descreve alguns planos de ações empenhados pelo Departamento de Polícia da cidade de Nova York nas últimas décadas, que foram replicados em outros lugares. O plano que mais se destacou visava fortalecer as relações da vizinhança com a polícia. A ideia era evitar que comunidades com problemas urbanos crônicos, como iluminação pública de má qualidade, lixo nas ruas e população em situação de rua, apresentassem maiores taxas de criminalidade. No fundo, o autor afirma se tratar de uma atualização da “teoria das janelas quebradas”, em que pequenos casos de desordem geram mais desordem. No entanto, prevaleceu a prática de abordagem e revista policial, de brutalidade e do uso excessivo de força como modelo de policiamento. Nesse capítulo, podemos perceber claramente que houve um desinvestimento nos serviços sociais e um investimento pesado nos mecanismos repressivos de punição e no aparato das forças policiais. As políticas implementadas, nos últimos anos, propiciaram a cultura de combate e a violência policial. E o modelo pautado na punição gerou a situação atual de falta de confiança na polícia.

O autor afirma que não dá para separar o trabalho da polícia do sistema de justiça criminal. A morte de homens negros pela polícia consiste em exemplo visível da cultura de confrontação da violência nas cidades norte-americanas pautada no abandono de políticas públicas, com foco na justiça criminal punitiva, no investimento no aparato repressivo e na política de tolerância zero voltada para as comunidades de baixa renda.

O capítulo 9 trata dos “próximos guardiões urbanos”. Por “guardião”, o autor entende que a transformação da comunidade somente ocorre por meio da apropriação e cuidado do espaço público pelos próprios moradores. Trata-se de um modelo urbano focado na comunidade com moradias acessíveis para várias faixas de renda, com acesso aos serviços de saúde, bem-estar social, emprego e uso do espaço público. O controle da violência ocorreria, portanto, a partir da coesão e da eficácia coletiva da comunidade com a supervisão dos moradores.

O capítulo 10 encerra a discussão com a síntese das ideias centrais do livro em quatro pontos-chave: (I) o declínio da violência é real e transformou a vida urbana nos EUA; (II) a violência diminuiu por causa da ocupação do espaço público, realizada por uma variedade de grupos sociais; (III) o declínio da violência beneficiou o segmento mais desfavorecido da sociedade, em especial os jovens negros; (IV) as estratégias usadas para enfrentar tanto a pobreza, quanto a violência, tiveram altos custos. Inegavelmente, o declínio da violência resultou em benefícios para a sociedade. No entanto, as desigualdades persistem. Por essa razão, o autor faz um alerta: se a violência voltar a crescer nos próximos anos, as consequências das desigualdades serão mais severas.

O livro *Uneasy Peace* revela que a taxa de homicídios consiste em uma parte dos benefícios do declínio da violência urbana. A queda da violência conduziu uma mudança profunda na vida urbana das cidades norte-americanas. Não se trata apenas de declínio quantitativo, mas em mudança normativa e qualitativa na sociedade. Por isso que o livro examina duas áreas da vida social mais beneficiadas pela redução das taxas de criminalidade: a expectativa de vida de jovens e o desempenho escolar. O destaque mais surpreendente encontra-se no aumento das notas dos estudantes em testes nacionais, na redução da evasão escolar e na possibilidade de mobilidade social por meio de educação de melhor qualidade.

O autor afirma que, por um lado, evidências sugerem que as mudanças na justiça criminal e no policiamento contribuíram, mesmo que parcialmente, para a redução de crimes violentos. Por outro lado, os protestos contra a brutalidade policial dão sinais claros de que os métodos utilizados para confrontar a violência urbana não são mais aceitáveis pelo público. Outra questão de destaque envolve o encarceramento em massa, que até pode ter contribuído para a redução da criminalidade, mas é preciso alinhar o argumento crítico para compreender que esse sistema contribui diretamente para perpetuar as desigualdades.

O livro também destaca o aumento da expectativa de vida de jovens negros. Dados apresentados demonstram que um rapaz negro nascido em 2012 teve acréscimo de nove meses de expectativa de vida em comparação a um rapaz negro nascido em 1991, quando a violência urbana atingiu o seu auge. Embora possa não parecer grande diferença, Sharkey ressalta que esse único fato equivale a eliminação da epidemia de obesidade no país em decorrência das comorbidades relacionadas à redução de expectativa de vida.

Ainda que o declínio da violência tenha levado a resultados positivos nos testes educacionais, em escolas mais seguras, em crescentes oportunidades de emprego, em mobilidade social e econômica na parcela mais pobre da população, e em maior expectativa de vida entre homens negros e pobres, o autor faz questão de enfatizar que a violência e a desigualdade social continuam presentes nas cidades mais segregadas dos EUA.

Além disso, é importante enfatizar que o grande declínio do crime e da criminalidade reflete algumas ambivalências na sociedade norte-americana. Evidentemente, a queda das taxas de criminalidade resulta em algo positivo, mas há custos altos. Parte dessa queda está relacionada ao aumento sem precedentes do encarceramento em massa e da brutalidade policial. Como sabemos, esses fenômenos

têm efeitos desproporcionalmente negativos nas comunidades pobres. A diminuição da violência teve efeitos diretos na preservação de vidas. Mas mesmo em níveis baixos, não podemos esquecer que a taxa de homicídios de negros é dez vezes maior que a de brancos (Flaherty e Sethi, 2010).

A confiança na polícia consiste em fator fundamental na prevenção da criminalidade (Tyler, 2006). Em comunidades pobres a população passou a ter medo da polícia e não confiar nas autoridades, em especial os jovens. E há razões para isso: as imagens de jovens negros sendo estrangulados diante das câmeras em plena luz do dia deixam marcas profundas na avaliação do trabalho da polícia.

Sharkey oferece sugestões de controle do crime, como as estratégias de segurança pública e de bem-estar desenvolvidas na própria comunidade, mas ressalta que os operadores da justiça criminal (incluindo a polícia) podem ser simultaneamente parte do problema e da solução. Embora o sistema de justiça criminal tenha contribuído para a redução do crime, problemas associados ao aumento da vigilância, ao policiamento ostensivo e agressivo, ao encarceramento em massa, ao medo da violência, à educação precária e à pobreza podem ser atribuídos, pelo menos em parte, às políticas centradas no abandono das comunidades desfavorecidas e do sistema de justiça punitivista.

De qualquer maneira, pode-se afirmar que as cidades norte-americanas se encontram no período mais seguro da história e que ocorreu uma mudança radical – e inesperada até – do comportamento da população, que passou a ocupar o espaço público devido ao aumento da sensação de segurança.

Não apenas os Estados Unidos estão mais seguros do que nunca, mas as principais nações do Norte Global se beneficiaram dessas mudanças nas últimas décadas. Os motivos ainda não são totalmente claros. A pergunta “por que as taxas de crime caíram?” não foi totalmente respondida ao longo do livro. Patrick Sharkey reconhece que se trata de uma questão multidimensional, que muitos estudiosos ainda enfrentam e debatem.

O autor enumera alguns fatores que indicam possíveis respostas para o declínio da criminalidade, como a melhoria da situação econômica da população, a maior eficácia do sistema de justiça e do trabalho da polícia, o controle das armas, a expansão do sistema de vigilância privada, mudanças no perfil demográfico das grandes cidades (as cidades que tiveram aumento de populações imigrantes tornaram-se mais seguras, por exemplo), o envelhecimento da população, a redução do consumo de álcool e drogas, fatores ambientais relacionados à eliminação da contaminação das águas por chumbo, a instalação de ar condicionado nas residências e nos prédios comerciais, a reconquista do espaço público pelos cidadãos, o engajamento civil nas comunidades, o acesso à medicação de controle da hiperatividade e até a possibilidade de acesso à lei do aborto (o autor cita alguns estudos especulativos sobre a relação entre gravidez indesejada e o não nascimento de potenciais criminosos). A combinação desses fatores conjugada com políticas de longo prazo, o combate à pobreza, o aumento da confiança nas autoridades e de outros acordos mútuos relacionados ao uso do espaço público contribuíram decisivamente para o declínio da criminalidade e a transformação da vida nas cidades norte-americanas.

O livro foi publicado no final de 2018. Uma rápida atualização com dados dos últimos dois anos, sobretudo com impacto da crise causada pela pandemia da Covid-19 e os protestos raciais deflagrados após o assassinato de George Floyd em maio de 2020, mostraria um aumento significativo da violência urbana e dos homicídios. De acordo com o Departamento de Polícia de New York, foram registrados 462 homicídios na cidade em 2020; uma alta de 44,8% (NYPD, 2021). Mas ainda é cedo para afirmar se a violência urbana voltou a subir ou se estamos atravessando um período excepcional. De qualquer maneira, o próprio autor chama a atenção para a inquietude do problema da violência urbana nos EUA.

Cientistas sociais, em geral, buscam explicações parcimoniosas para fenômenos sociais complexos, como a violência e a criminalidade. O livro de Sharkey deixa claro, no entanto, que o aumento ou a diminuição da violência ocorre a partir da combinação multidimensional de diversos fatores. Para compreender corretamente o fenômeno da violência, torna-se fundamental exercer reflexão baseada em evidências e no desenvolvimento de políticas sociais abrangentes e duradoras. A “guerra” contra a violência começa com investimentos públicos permanentes e a redução das desigualdades.

Referências

ANDERSON, Elijah. *Code of street: decency, violence, and the moral life of the inner city*. New York, Norton, 1999.

BBC News. New York City celebrates day without violent crime. *BBC News – US & Canada*, 29 nov. 2012. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-20536201>. Acesso em: 3 junho 2021.

FLAHERTY, Brendan; SETHI, Rajiv. Homicide in black and white. *Journal of Urban Economics*, v. 68, n. 3, nov. 2010, pp. 215-230.

GOMES, Aline M. M.; PICCIRILLO, Debora; OLIVEIRA, Renan T. Violência na escola e no bairro: o impacto da vitimização na autoridade dos professores e nos comportamentos de quebra de regras de adolescentes. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, São Paulo, v. 13, n. 2, jul./dez. 2019, pp. 158-171.

MEDINA, Justin; RODRIGUES, Herbert. The effects of victimization and fear of crime on the legal socialization of young adolescents in São Paulo, Brazil. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 63, n. 8, dec. 2019, pp. 1148-1174.

NYPD. *Overall crime in New York City reaches record low in 2020*. *New York Police Department, Media*, 6 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.nyc.gov/site/nypd/news/p0106a/overall-crime-new-york-city-reaches-record-low-2020>. Acesso em: 4 junho 2021.

RIOS, Victor. *Punished: policing the lives of Black and Latino boys*. New York, New York University Press, 2011.

SHARKEY, Patrick. *Uneasy peace: the great crime decline, the renewal of city life, and the next war on violence*. New York, W. W. Norton, 2018.

TYLER, Tom R. *Why people obey the law*. Princeton, Princeton University Press, 2006.

WACQUANT, Loïc. *Urban outcast: a comparative sociology of advanced marginality*. Cambridge, Polity Press, 2008.

Recebido em: 10/07/2021

Aprovado em: 27/09/2021

Como citar esta resenha:

RODRIGUES, Herbert. O declínio da criminalidade e a transformação da vida urbana nas cidades norte-americanas. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 2, maio - agosto 2021, pp. 772-777.